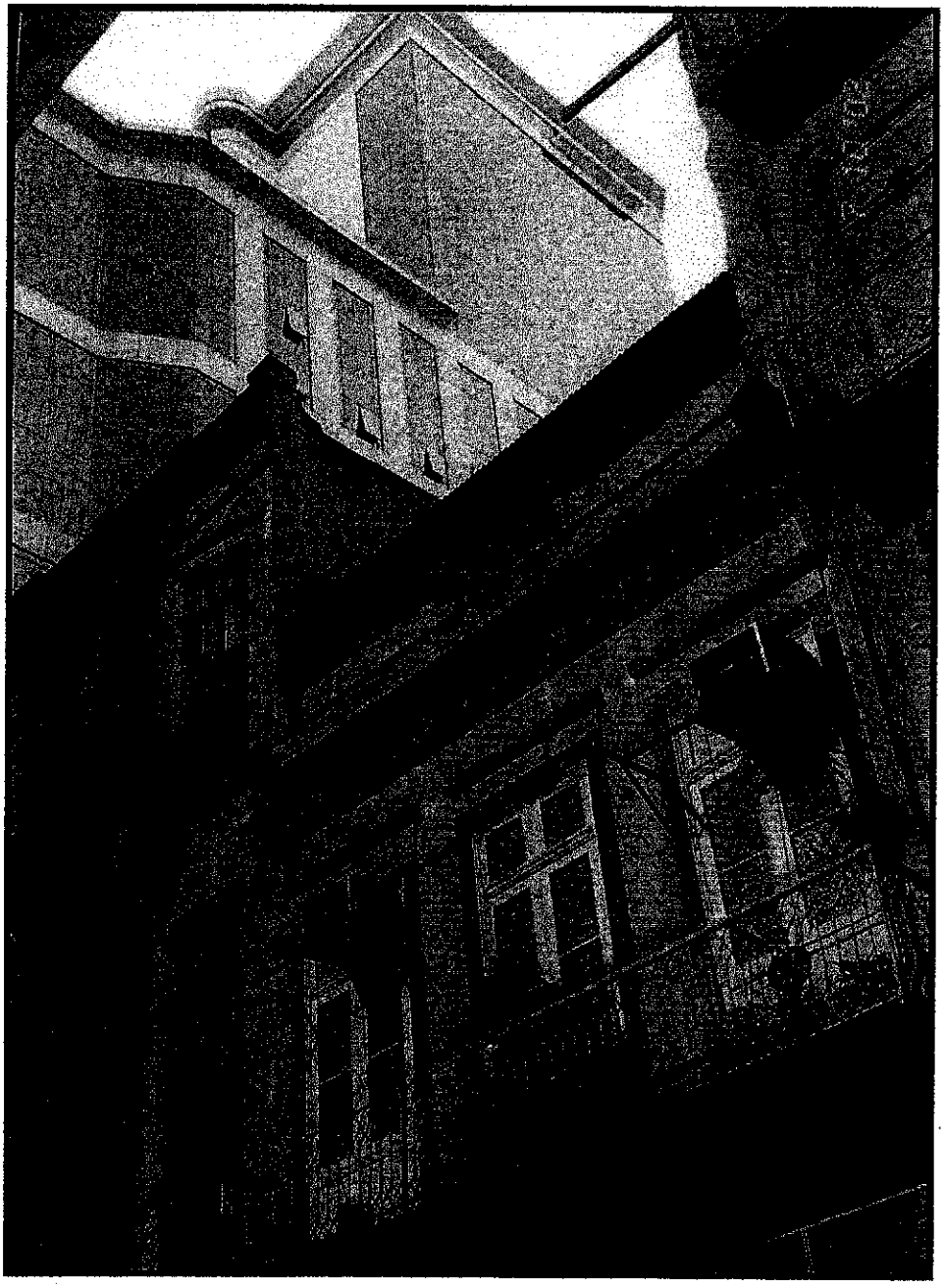
Rachel Freire Bárrón Torrez

O VELHO E O NOVO: Reflexões sobre as novas formas de uso e ocupação da área central do Rio de Janeiro



UFRJ / IPPUR

2005

Rachel Freire Barrón Torrez

O VELHO E O NOVO: reflexões sobre as novas formas de uso e ocupação da área central do Rio de Janeiro

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Planejamento e Uso do Solo Urbano.

Orientador: Profa. Dra. Tamara Tânia Cohen Egler - Doutora em Sociologia / USP

Rio de Janeiro

Novembro 2005

Rachel Freire Barrón Torrez

O VELHO E O NOVO: reflexões sobre as novas formas de uso e ocupação da área central do Rio de Janeiro

Monografia submetida ao corpo docente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista.

Aprovado por:

Profa. Tamara Tânia Cohen Egler – Orientador

(Doutora em Sociologia/USP)

RESUMO

A partir da observação das transformações envolvendo a modernização e renovação da área central do Rio de Janeiro, nas duas últimas décadas, o presente estudo propõe um debate entorno das novas formas de ocupação e uso do solo na área central pelo capital privado, sendo estas apoiadas numa *imagem requalificada* do Centro calcada numa "nova escala de valores" - onde o "antigo referencia e valoriza o novo", e produzida por agentes públicos e privados. Este novo padrão de organização e utilização do espaço pode ser observado na paisagem da área central, especialmente, no centro histórico e no seu entorno modernizado, com a localização, ao lado de equipamentos culturais, de edifícios "inteligentes", centro médico, lojas e restaurantes sofisticados, e universidades particulares. O trabalho procurou mostrar como esta imagem ajuda a compreender as novas formas de apropriação e uso do solo na área central, pois tem servido de fator de atração para novos investimentos privados em atividades culturais e, principalmente, em serviços terciários. Deste modo, essas considerações nos indicam uma apropriação do espaço e da imagem da área central do Rio de Janeiro por um tipo de consumo mais seletivo, como arte, lazer e entretenimento e centros de serviços especializados.

U. F. R. J.
BIBLIOTECA
I P P U R

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6

1. AS NOVAS FORMAS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO 9

2. O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL: reflexões teóricas 13

3. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM REQUALIFICADA 18

3.1. Revitalização urbana, Requalificação e Renovação Preservadora 20

3.2. O papel das ações governamentais 23

4. A IMAGEM REQUALIFICADA E O SETOR TERCIÁRIO PRIVADO 26

CONCLUSÕES 32

ILUSTRAÇÕES 36

REFERÊNCIAS 48

INTRODUÇÃO

Atualmente, a área central do Rio de Janeiro revela-se uma realidade sócio-espacial bastante complexa devido a sua histórica função de centralidade nos diversos cenários políticos, econômicos e sociais da cidade desde a sua formação. Tal complexidade pode ser observada na sua constituição, hoje, como "Área Central de Negócios, cercada de área preservadas de valor histórico, de uso misto, com significativa presença de uso residencial, além de outras antigas, deterioradas, arrasadas e, ainda, grandes vazios que compõem um território singular na estrutura urbana" (VAZ, 1994, p.95-6). Ao observar atentamente esta realidade nota-se uma série de transformações em curso, que se caracterizam por "duas direções opostas: uma de modernização e renovação, outra de degradação e empobrecimento"[1].

Não ignorando a totalidade desta realidade[2], pretendo neste trabalho focar, teórica e empiricamente, nas transformações que envolvem a modernização e a renovação

1 PFEIFFER, P. ; VAZ, L. F. (1991) *apud* VAZ, 1994, p.96. Segundo Vaz (op.cit., p.95-6), "A primeira pode ser identificada aos processos, em curso, de reestruturação e revitalização das áreas centrais das metrópoles do primeiro mundo; a segunda segue os caminhos do empobrecimento, a africanização e da degradação dos centros urbanos do Terceiro Mundo. Um cenário aponta o século XXI, outro recorda-nos o século XIX; são aparentemente dois cenários antagônicos mas articulados pela própria realidade que os produz".

2 São muitos os autores que contribuem para a temática da realidade dual (modernização/deterioração), porém dialética, das cidades e de sua área centrais hoje. Em relação ao núcleo central do Rio de Janeiro, podemos observar que a tendência de redefinição funcional e social para esta área, citada em CORRÊA (1993), evoluiu para as duas opções mencionadas pelo autor: uma parte, com influência dos padrões capitalistas mundiais "tornando-se foco principal das atividades de gestão e de escritórios de serviços especializados" e outra parte transformada em "local de comércio e serviços, em muitos casos aqueles do circuito inferior, para a população pobre" (p. 44, 45). VAZ (1994), em suas percepções e concepções da Área Central do Rio de Janeiro, nos traz reflexões importantes acerca dos discursos que acompanhavam as propostas de intervenção para esta área, desde o final do século XIX. Podemos destacar alguns fatores que nos ajudam a entender a realidade desta área atualmente, como as "concepções de centro que embasaram os planos, as políticas, os códigos urbanísticos e as intervenções realizadas, a adoção de modelos que privilegiam apenas o núcleo, [...] que se recusam a reconhecer a especificidade dos bairros centrais que o envolvem" (p. 104). HARVEY (1996), nos indica em seu debate sobre o empresariamento urbano, que este tipo de realidade dual pode se acirrar, devido ao objetivo político e econômico imediato deste tipo de gestão urbana, e de valorização do espetáculo e da imagem nos projetos de revitalização de economias enfraquecidas. Estas características da administração urbana podem gerar sérios problemas sociais e econômicos expressos geograficamente por um "centro renovado cercado por um mar de pobreza crescente" (p.62).

do núcleo histórico com seu entorno modernizado, ligadas à ação governamental e aos investimentos ou iniciativas de empresas privadas nacionais e estrangeiras.

Ao me debruçar sobre este tema, inicio com alguns questionamentos que julgo serem relevantes para o entendimento desta temática nos dias de hoje, como por exemplo: Será que tais transformações nas formas de apropriação e uso social da área central do Rio de Janeiro fazem "parte de projetos maiores de reestruturação do espaço mundial" (SÁNCHEZ, 2003, p.493)? E como podem ser entendidas a partir das novas relações espaço-tempo e no "processo de reprodução da sociedade mundializada" (CARLOS, 2004, p.109)?

Como a configuração sócio-espacial da área central reflete este momento da sociedade contemporânea, a partir da reestruturação da sua economia - baseada na acumulação flexível de capital e na redução de custos por meio das novas tecnologias; da *compressão espaço-tempo*[3]; da valorização do mercado e do consumo; da *cultura visual*[4]; da formatação e normatizacão dos padrões de vida e de desenvolvimento nas cidades; e ao mesmo tempo, da busca incessante dos habitantes e governantes por novos referenciais identitários e particularismos num mundo globalizado?

As reflexões trazidas acima servem como pano de fundo para o objetivo geral deste trabalho que se baseia na proposta de um debate entorno das novas formas de apropriação e uso do solo na área central do Rio de Janeiro pelo capital privado e, principalmente, investidores estrangeiros, apoiadas numa *imagem requalificada*[5]

3 HARVEY, 1992

4 ZUKIN, 2003

5 Além do significado da expressão utilizada por Sánchez, o uso do termo "requalificada" se dá por incorporação do conceito de Requalificação urbana, apresentado na página 16.

(SÁNCHEZ, 2003) calcada numa "nova escala de valores"[6] - onde o "antigo referencia e valoriza o novo", e produzida por agentes públicos e privados. Podemos observar este fato, na instalação de torres de edifício de negócio e de universidades particulares, nos áreas de atuação de projetos de requalificação do centro histórico. Para Pinheiro (2002, p.3), esta nova escala de valores, associada à modernização, e caracterizada por "valor histórico, valor arquitetônico, valor imobiliário, [...] ambiental, paisagístico e cultural, [...] talvez seja o novo valor das cidades do século XXI".

Num estudo específico, procuro estudar esta relação entre "materialização e simbolização" (SÁNCHES, 2003), nas formas de apropriação e uso da área central e de sua imagem pelo setor terciário privado, que utiliza o espaço como cenário e a imagem como estímulo, para atrair e valorizar os investimentos e o consumo.

De modo a compreendermos o processo de construção desta imagem urbana da área central do Rio de Janeiro e de sua apropriação e uso pelo setor privado, num primeiro momento, pretendo expor brevemente, a partir de uma construção teórica, a emergência de um contexto histórico e social da urbanização, que transformou o papel das cidades e fez surgir a necessidade de construção dessas imagens urbanas na contemporaneidade.

Num segundo momento, pretendo focar os processos envolvidos na renovação urbana e aliados à promoção econômica da cidade, que permeiam a construção dessa imagem urbana da área central, e a sua apropriação pelo setor terciário privado nas formas de uso e ocupação do solo.

---

6 PINHEIRO, 2002, p.3 - 4. Augusto Ivan é arquiteto e urbanista, e atualmente secretário geral do Instituto Light. Foi responsável junto com uma equipe pelo Projeto Corredor Cultural – carro-chefe para os processos de preservação e renovação do centro a cidade do Rio de

1. NOVAS FORMAS DE OCUPAÇÃO E USO DO SOLO

Ao observarmos a paisagem urbana da área central[7] do Rio de Janeiro notamos a co-presença de diversos equipamentos urbanos ligados a atividades culturais, de lazer e entretenimento – como os centros culturais, teatros, cinemas, livrarias - ao comércio sofisticado, como joalherias, lojas de *griffe*, restaurantes; e aos serviços avançados e especializados às empresas e ao público sofisticado, como os centros médicos, as instituições privadas de ensino - com destaque para as torres de escritório - os "edifícios inteligentes".

Segundo VAZ (1994, p.99),

> Consideramos como área central da cidade do Rio de Janeiro o trecho que corresponde à II Região Administrativa, englobando a Área Central de Negócios, a qual concentra as funções de centro comercial, administrativo, bancário financeiro, artístico-cultural e de informações, e os seus arredores imediatos, onde se encontram áreas de pequeno comércio e residenciais Esse é o menor recorte da Área Central do Rio de Janeiro e contém, além do Centro, os bairros da Lapa, Fátima e Cruz Vermelha. [...] Essa área corresponde ao centro histórico da cidade, que se formou do século XVI até o XIX e se vem renovando ao longo do século XX.

Janeiro promovidos pela prefeitura.

7 "De fato, a Área Central constitui-se no foco principal não apenas da cidade mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comercias, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos. Ela se destaca na paisagem da cidade pela sua verticalização" (CORRÊA, 1993, p.38) (FOTO 1). Constitui-se, então, numa "área de maior acessibilidade dentro da grande cidade" (Ibid.) VAZ (1994, p.98-9) ao caracterizar a formação e caracterização das Áreas Centrais, atualmente, e em especial, da Área Central do Rio de Janeiro, relata que "O processo de centralização que deu origem à Área Central resultou em uma organização espacial composta basicamente de duas porções: o centro de gestão de toda a estrutura urbana, isto é, o núcleo central (core, Central Business District ou CBD; Área Central de Negócios ou ACN); a zona periférica ao centro (frame, zona de transição, de obsolescência ou deteriorada), formando uma franja de usos diversificados que separa o CBD dos demais bairros. [...] Os trabalhos que tem por objetivo essa área geralmente adotam a mesma concepção, apesar de definirem sob esse nome, diferentes recortes.

A área central, tem passado por inúmeras transformações[8] ao longo das duas últimas décadas, tais mudanças de inserem num contexto onde,

> [...] as áreas centrais de grandes cidades, após (um) período de intensa decadência econômica e obsolescência de vários de seus espaços, vêm passando por diferentes modos de intervenção no seu processo de modernização e, consequentemente, pela retomada de sua importância no contexto urbano (MACHADO, 2003, p.41 grifo nosso).

Tais transformações no uso social da área central envolvem a execução de projetos de preservação e recuperação do conjunto arquitetônico e urbanístico existente; melhor tratamento dos espaços urbanos, com a recuperação/reurbanização de ruas e praças e implantação de novos usos; e a construção e/ou modernização (inclusive arquitetônica) de equipamentos culturais de grande porte, novos empreendimentos comerciais e de serviços avançados – como as torres "inteligentes". Mas que outros fatores explicam esta nova forma de ocupação e uso do espaço da área central do Rio de Janeiro?

Concordando com a vertente crítica de Sánchez (2003, p.547), sobre a atual hegemonia do capitalismo global:

> Um conjunto de orientações estratégicas e de representações que as cidades legitimam configuram uma agenda urbana tornada dominante na virada do século, [...] O alcance político dessa agenda pode ser identificado em sua rápida absorção, em maior ou menor grau, nos atuais projetos de renovação urbana em

---

Trata-se sempre de um núcleo cercado de uma zona periférica, sendo que a dimensão do núcleo se apresenta quase sempre constante mas as do(s) entorno(s) variam e seus limites oscilam, englobando área e/ou bairros diferentes" (Pace, Andreatta, 1991 apud Vaz, 1994).

8 "Podem-se perceber movimentos de *upgrading* por meio dos seguintes aspectos: a reconstrução e recuperação de prédios antigos e a presença de algumas construções novas, inclusive com arquiteturas pós-modernas; as mudanças verificadas nos usos das edificações existentes; o desenvolvimento de atividades culturais, com o surgimento de novos núcleos e/ou instituições de peso na área de diversão e cultura (Casa França Brasil, Centro Cultural Banco do Brasil, Fundição Progresso, entre outros), que atraem uma nova clientela, anteriormente usuária quase exclusiva dos equipamentos da Zona Sul. O ressurgimento das atividades de cultura e lazer na Área Central é acompanhada do movimento do comércio dirigido a essa nova clientela. [...] Essa revitalização, no entanto, é de natureza diferente da dos movimentos anteriores de desenvolvimento, pois não implica nem expansão física horizontal nem a vertical; pelo contrário , seus pontos de destaque privilegiam a recuperação de estruturas físicas antigas". (VAZ, 1994:96).

> diversas partes do mundo. [...] Essa identificação [...] dá relevância analítica à mútua dependência entre materialização e simbolização, pois essa relação constrói as possibilidades históricas de efetivação dos interesses globais e seus agentes na nova espacialidade urbana.

A construção de uma imagem requalificada da área central, como concentradora do *velho e do novo* "é tornada um espetáculo mercantil da cidade" (Ibid, p.497), um recurso estratégico para a promoção das potencialidades "peculiares", mas também "globais" da cidade na era da competição interurbana e de inserção no espaço global .

> O processo de globalização das políticas urbanas tem um caráter fragmentário, sua intervenção é pontual e instala processos que mudam os lugares para atender aos interesses das elites globais. No projeto de globalização do mundo, vamos observar como os portos, os aeroportos, a infra-estrutura turística, compõem os espaços locais que, articulados, formam uma nova totalidade global. [...] Dessa articulação decorre um conjunto de processos que transformam as localidades por dentro, decerto porque as atividades que resultam do processo de globalização exigem um conjunto de equipamentos para lhes dar suporte, como é o caso de aeroportos, portos, infra-estrutura de comunicação, hotéis, indústria do entretenimento e edifícios destinados às atividades globais em si mesmas. Mais do que isso, a competição para participar dessa rede resulta em políticas urbanas que alteram a estratégia dos investimentos, quando reduz o desenvolvimento urbano à competição entre as cidades e à valorização de espaços urbanos para o circuito globalizado (EGLER, 2005, p.4).

A construção da imagem da área central, com vistas à promoção econômica da cidade, se realiza na relação entre materialização e simbolização, com duas vertentes: um viés cultural-preservacionista – "o velho", e outro modernizante – "o novo". A partir do primeiro viés, a cidade é apresentada como renovada, um "lugar inovador, excitante, criativo e seguro para viver, visitar, para jogar ou consumir" (HARVEY, 1996, p.55), e como diz Sánchez (2003, p.489), "a invariavelmente exagerada noção de renascimento urbano, de cidade renascida da crise ou da agonia, tem se mostrado recorrente como fórmula exitosa de venda da imagem urbana [...] em muitas cidades do mundo". Já o

U. F. R. J.
BIBLIOTECA
I P P U R

segundo viés, apresenta a cidade como "'cidade competitiva', 'conectada', 'globalizada', 'empreendedora', 'flexível' " (Ibid., p.548), capaz de prover um "bom clima de negócios e oferecer todos os tipos de atrativos para trazer capitais para a cidade" (HARVEY, 1996, p.57).

Os governos municipais[9] possuem grande parcela de responsabilidade na afirmação e legitimação desta imagem na nova "circunstância histórica que tem emergência a cidade-mercadoria, a cidade vendida como produto no mercado mundial" (SÁNCHEZ, 2003, p.548). Pinheiro (2002) faz menção à ligação da ação governamental no processo de renovação urbana do Centro, em seu artigo publicado na série de pesquisas promovidas pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Nele, defende a ideologia da "volta ao centro", presente em outros autores como Magalhães (2002) e Machado (2003), como reação, entre outros fatores, ao urbanismo modernista que "isolou" o centro da cidade das outras funções além da comercial e contribuiu para imagem de decadência do mesmo até os anos de 1990.

> O Rio já equacionou, dentro do possível, sua dívida com a história, ao preservar parte significativa do acervo arquitetônico e ambiental de sua área central, deixando espaço disponível para a renovação e a verticalização. [...] Este é o novo paradigma: preservar, conservar, reciclar, renovar e modernizar, aproveitando o máximo a sinergia que estas ações possam produzir. [...] o Centro do Rio tem um valor inestimável e enraizado, que é a capacidade de poder fazer conviver se não junto, mas próximo, o passado e o presente. Esta parceria é que faz dele um espaço diferencial da cidade [...] passado e presente, preservação e renovação, cultura e turismo, lazer e negócios podem e devem conviver entre si e, melhor, juntos produzirem riqueza, trabalho, desenvolvimento econômico e social, [...] ou seja, uma nova cultura para as cidades (PINHEIRO, 2002, p.5).

9 Em conjunto com outras entidades formando "as coalizões locais, reunidas em torno a um projeto de cidade" (SÁNCHEZ, 2003, p.548). Em nota, a autora faz referência "aos grandes interesses em jogo nos atuais processos de reestruturação urbana ligados, por exemplo, aos setores do turismo, transporte, capital imobiliário, telecomunicações, concessionárias de serviços" (p.491). E destaca que a

2. O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL: Reflexões Teóricas

A análise dos processos recentes de modernização das áreas centrais das cidades e das intervenções urbanas que constituem os mesmos, nos faz refletir sobre a emergência, a partir da década de 1970, de um novo contexto histórico e social de reestruturação do espaço mundial, que transformou o papel de muitas cidades do mundo, principalmente, as metrópoles.

Ao iniciar este estudo, me filio à linha de pensamento de Spósito (1999, p.83) a respeito do "debate sobre a natureza das dinâmicas que engendram a urbanização na atualidade, colocando em pauta as novas formas espaciais que se constituem e o conteúdo social e cultural desse processo".

A urbanização, entendida por Harvey (1996, p.51) como "o conjunto de processos sociais que se dão no espaço, [...] produz inúmeros artefatos – uma forma construída, espaços produzidos e sistemas de recursos de qualidades específicas, organizados em uma configuração espacial distinta". Essa, é entendida a partir do molde da sua "paisagem física e social de acordo com critérios capitalistas distintos", aceitando que "a lógica da circulação e da acumulação de capital molda as condições e circunstâncias da acumulação de capital em pontos subsequentes no tempo e no espaço"(Ibid. p.48).

Nesse sentido, os novos conteúdos da acumulação capitalista (flexível) e seus reflexos na produção do espaço da cidade, são interpretados no âmbito do *processo de reprodução da sociedade capitalista mundializada* e da nova *dimensão espaço-temporal* (CARLOS, 2004), característicos da pós-modernidade.

---

discussão acerca das relações entre os principais grupos econômicos e os governos municipais está desenvolvida no capítulo 2 do seu trabalho.

Segundo Carlos (2004:79,80),

> [...] o período pós-moderno sinaliza uma brutal transformação no tempo e nas formas de vivê-lo [...], (a) "pós-modernidade" é marcada pela instantaneidade no que se refere ao tempo e, pelo esmaecimento da memória impressa no espaço, enquanto desaparecimento dos referenciais da vida humana, o tempo enquanto uso [...] é, hoje, um tempo acelerado, comprimido, imposto e quantitativo[10] (grifo nosso).

O contexto dos processos de reprodução do espaço na sociedade capitalista mundializada é marcado por mudanças na sua *estrutura espaço-temporal* (SANTOS, 1985, p. 49). Espaço e tempo são apropriados e "usados" para geração de lucros, e nesse processo, áreas são incorporadas "às formas técnico-científicas de (re)organização espacial" (Ibid., p.48), sendo modificadas em sua forma e função para "abrigar frações de capital que exigem uma rentabilidade maior". Para Santos (1985, p.49), "sempre que a sociedade (a totalidade social) sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos (tanto novos como velhos) assumem novas funções".

Neste sentido, Carlos (2004, p.109) nos traz importantes esclarecimentos sobre essa nova relação espaço-tempo na pós-modernidade:

> As novas tecnologias, que mudaram o sentido do tempo, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, mudam profundamente o processo produtivo, e imprimem uma nova racionalidade ao espaço. As marcas do rápido processo de transformação que vivemos hoje, em meio a constituição do processo de mundialização da sociedade estão impressos, tanto na paisagem, como na consciência. A efemeridade das formas, produto das metamorfoses urbanas, faz da cidade uma recriação constante. A constituição da mundialidade, por sua vez, com seus novos padrões culturais, invade a vida cotidiana recriando constantemente novos valores, novos signos, novos comportamentos; enquanto destroem símbolos, transformam os modos de uso do espaço, mudando as relações entre os cidadãos e, destes com a cidade. O processo de reprodução do espaço, a partir do processo de reprodução da sociedade, se realiza, hoje, produzindo novas contradições suscitadas pela extensão do capitalismo.

10 Mais à frente, em seu texto, a autora explica que a quantificação do tempo e do espaço se realiza pela possibilidade de geração de lucros, logo, "nesta condição transformam o espaço da vida através das mudanças do tempo da apropriação e no fato de que os usos se tornam produtivos eliminando-se, tendencialmente, os espaços cuja apropriação se realiza fora do mercado" (Ibid., p. 80).

Fator importante do processo de mundialização da sociedade, a reestruturação da economia mundial tem deixado rapidamente suas marcas impressas no espaço, principalmente nas grandes cidades.

> O contexto histórico de reestruturação das grandes cidades, que se inicia a partir da década de 1970, e atinge os países centrais, principalmente, na década de 1980, representa as mudanças recentes nas grandes cidades, geradas pela reestruturação e globalização da economia, assim como, as mudanças na forma e extensão da integração das cidades à nova divisão internacional do trabalho (DIT) (CARDOSO, 1996, p.13).

Neste contexto de produção do espaço global, calcado na expansão dos mercados mundiais, e consequentemente, de mudanças no papel das grandes cidades dentro da DIT, podemos observar nas últimas décadas uma série de transformações no espaço intra-urbano das cidades, entre elas podemos destacar,

> [...] o desenvolvimento das atividades ligadas à ciência e tecnologia; a mundialização do sistema financeiro; a articulação da economia em escala global e a intensa urbanização, [...] a metrópole é a forma mais evidente desse processo e expressa, no seu cotidiano, tempo e espaços diferenciados, estando em sintonia com o ritmo das transformações mundiais, [...] (estas) estão se transformando a partir de parâmetros globais (MARAFON, 1997, p.33 grifo nosso).

A reestruturação das cidades, "diante da ampla erosão da base econômica e fiscal" (HARVEY, 1996, p.49), desde 1970 e 1980, tem refletido a abordagem dos governos urbanos para uma forma empresarial de ação sobre a cidade (Ibid.). Este tipo de iniciativa administrativa que visa a (re)organização do espaço das cidades, faz parte de um "receituário que propugna crenças, ações e decisões a serem tomadas pelas demais nações, considerando sua inserção na considerada inexorável dinâmica da globalização. Desse

U. F. R. J.
BIBLIOTECA
I P P U R

receituário, a questão da competitividade alcança proeminência [...]" (BIENENSTEIN, 2001, p.8).

Segundo Harvey (1996:49), "o novo empresariamento urbano deslocou-se para o centro do palco na formulação da política urbana e das estratégias de crescimento urbano", nas duas últimas décadas do século XX, tendo como principais características [11]:

(1) Maior ênfase na ação local, e na maximização da sua atratividade para o desenvolvimento capitalista.

(2) Regime de "acumulação flexível".

(3) Apoio no quadro de competição interurbana[12] por recursos, empregos e capital.

(4) Noção de "parceria público-privada", cuja atividade empresarial possui uma execução e concepção especulativas.

(5) Foco de atenção na economia política do local.

Sobre os desdobramentos sócio-econômicos, espaciais e simbólicos deste modelo de gestão, que nos interessam para este trabalho, podemos citar os "empreendimentos pontuais [...] (e a) melhoria da imagem das cidades [...] através da construção de centros culturais, comerciais, de entretenimento, de escritórios [...]"[13], ambas

11 HARVEY, op.cit , p.50-3. O elenco das características foi realizado por interpretação própria.

12 "O empresariamento urbano implica, contudo, em algum grau de competição interurbano. Aproximamo-nos aqui de uma força que coloca claros limites ao poder que projetos específicos têm de transformar cada uma das cidades. De fato, na medida em que a competição interurbana se torna mais forte, ela certamente irá operar como um "poder coercitivo externo" sobre cada uma das cidades para alinhá-las mais fortemente à disciplina e à lógica do desenvolvimento capitalista. Ela poderá, inclusive, forçar a reprodução repetitiva e em série de certos padrões de empreendimentos (tal como a reprodução em série de "centros de comércio internacional" ou de novos centros culturais e de entretenimento, de empreendimentos imobiliários à beira d'água, de shopping centers pós-modernos e similares). A evidência para a reprodução em série de formas similares de renovação urbana é muito forte e as razões subjacentes são dignas de nota." (Ibid., p.56)

13 Ibid., p. 53 (grifo nosso). Em outra citação, Harvey (Ibid., p.54 e 55) menciona esta relação entre competição, investimentos, imagem e consumo: "Uma região urbana pode também aumentar sua situação de competitividade a partir da divisão espacial do consumo. [...] A

iniciativas dirigidas à promoção econômica da cidade, à competitividade e à *centralidade atribuída à dimensão do consumo* (BIENENSTEIN, 2001, p.12).

Segundo, Bienenstein (2001, p.14), "a retórica do aumento da competitividade articulada à globalização, espraia-se nas cidades brasileiras de grande porte, favorecendo leituras voltadas ao desenvolvimento de sua capacidade competitiva individual". A partir dessas considerações teóricas, pretendo trabalhar no próximo tópico com as estratégias de renovação urbana na área central do Rio de Janeiro, como formas de "complexificação do espaço intra-urbano" (MACHADO, 2003, p.39) que aliam a "manutenção de formas históricas a novas funções características da sociedade contemporânea" (Ibid.).

Esta aliança - promotora da renovação e modernização da área central do Rio de Janeiro, representada no início deste trabalho pelo binômio materialidade-simbolização, irá direcionar nossa análise nas "discussões que permeiam a reestruturação intra-urbana – com ênfase no estudo das cidades como imagem criada para o mercado mundial" (Ibid., p.40, a fim de criar um imaginário urbano atraente para a venda da cidade como um espaço para atividades adequadas aos propósitos competitivos dos padrões flexíveis de acumulação na contemporaneidade (HARVEY, 1996).

Seguimos para o nosso próximo tópico com uma referência à Sánchez (2003, p.552,555):

> [...] vem sendo produzido, na escala mundial, um espaço próprio à fase atual do capitalismo, específico das sociedades urbanas dirigidas e dominadas por novas relações de produção capitalista, com a adaptação técnica do território, a

---

competição, nesses casos, se torna cada vez mais frenética na medida em que os consumidores que possuem dinheiro têm oportunidade de ser muito mais seletivos. Os investimentos, no intuito de atrair o consumo, paradoxalmente se aceleraram como reação à recessão generalizada; cada vez mais se concentram na qualidade de vida, na valorização do espaço, na inovação cultural e na elevação da qualidade do meio ambiente urbano (inclusive na adoção de estilos pós-modernistas de arquitetura e de desenho urbano), nos atrativos de consumo (estádios esportivos, centros de convenções, shopping centers, marinas, praças de alimentação exótica), entretenimento (a organização de espetáculos urbanos temporários ou permanentes) se tornaram facetas proeminentes das estratégias de renovação urbana. Acima de tudo, a cidade tem que parecer como lugar inovador, excitante, criativo e seguro para viver, visitar, para jogar ou consumir."

> renovação de infra-estruturas de mobilidade e de telecomunicações e a construção de espaços e equipamentos seletivos, voltados aos negócios, ao turismo, ao consumo e à habitação. Certas políticas de renovação urbana, transformadas em modelos que circulam simultaneamente em várias escalas, contribuem na configuração e na realização desse espaço específico da época presente. [...] A normatização das cidades, com base numa visão de mundo voltada ao mercado global, implica adaptá-las aos critérios e padrões dispostos nesse pacote, o que significa, ao mesmo tempo e de forma integrada, produção do espaço e produção de sentido.

3. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM REQUALIFICADA

No tópico anterior, foram elencados alguns elementos que considero essenciais para a emergência de um contexto histórico-social responsável pela produção da imagem requalificada com vistas à promoção econômica das cidades. Mas quais seriam os processos responsáveis pela produção dessa imagem requalificada?

Como já abordado anteriormente, o debate sobre as políticas urbanas que permeiam a competição entre cidades está intrinsecamente ligado ao da produção do espaço global. Este espaço resulta "da conexão entre fragmentos de cidades e redes de técnica de informática, permitindo a realização dos fluxos na escala global" (EGLER, 2005, p.2). Segundo a autora, "os fragmentos locais são os que se transformam em objeto das políticas urbanas", sendo que as mesmas "estão cada vez mais associadas à produção de intervenções localizadas, no sentido de conectar fragmentos das [...] cidades ao espaço global". Desta forma, as *políticas de revitalização urbana*[14] agem sobre os fragmentos de cidades – no caso do presente estudo, a área central do Rio de Janeiro – reestruturando-os econômica, espacial e simbolicamente (SÁNCHEZ, 2003, p.498), com vistas a conectá-los

14 SIMÕES JR., 1994, p.17. Para o autor, as intervenções nos centros urbanos características destas políticas de revitalização buscam uma "nova vitalidade para essas áreas, tanto do ponto de vista econômico quanto funcional, social e ambiental".

ao espaço global por meio de atrativos competitivos. Há nesse movimento a realização do binômio materialização-simbolização, ou seja, a produção concomitante do espaço e do sentido.

Na área central, esta materialização se realiza quando "as políticas de construção do espaço enfocam uma ação associada à renovação e à revitalização do patrimônio imobiliário, [...] aos objetos que compõe os espaços" (EGLER, 2005, p.10), e aliada à idéia de preservação, resultam em uma série de intervenções urbanísticas em ruas, largos, praças, sobrados e edificações, ou seja, em espaços julgados como detentores de valor histórico, arquitetônico e cultural. A partir desta mudança de percepção sobre as suas áreas de urbanização mais antiga, diversos equipamentos culturais[15] de grande porte são implantados nestes espaços nas duas últimas décadas. Nesse movimento de reinvestimento no Centro, calcado na valorização cultural, as formas urbanas passam a ter seus significados reciclados e o espaço urbano em decadência ganha novos valores simbólicos passando, por conseqüência, por uma enorme valorização imobiliária (MAGALHÃES, 2002) (FOTOS 2, 3, E 4).

Além dessa transformação dos "espaços da oferta cultural" com museus e centros de lazer pelos programas de renovação urbana, há também somados a estes a transformação de alguns fragmentos urbanos em nós de atividades e fluxos – empresariais, comerciais e de serviços (SÁNCHEZ, 2003), como podemos ver no aumento da procura por espaços de escritório, na construção e reciclagem de edifícios de negócios –

15 "Iniciando-se com a abertura do Paço Imperial (1985), este processo teve seqüência com a abertura do Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB (1989), da Casa França-Brasil (1990), do Espaço Cultural dos Correios (1993), do Centro Cultural da Light (1994), do Centro de Artes Hélio Oiticica (1996), do Espaço Cultural da Marinha (1998), da reforma e revalorização do Cine Odeon (2000), e do Centro Cultural da Justiça Federal (2001), na Cinelândia. Além desses, ganharam novo impulso o MNBA, o Museu Histórico Nacional e a Fundição Progresso, e foram abertos outros espaços culturais de menor porte como o da Academia Brasileira de Letras, o da Faculdade

"inteligentes", e na instalação de universidades particulares na Área Central de Negócios (ACN) e centro histórico.

3.1. REVITALIZAÇÃO URBANA, REQUALIFICAÇÃO E RENOVAÇÃO PRESERVADORA

Para o entendimento das transformações que vem se realizado nas áreas centrais, a partir da década de 70, alguns autores enfatizam o conceito de *revitalização*, outros de *requalificação*, e outros não enfatizam nenhum dos dois, ora se utilizando um , ora de outro, e muitas vezes mesclando as duas idéias no conceito de *renovação urbana.* Neste trabalho, acredita-se que estas distinções se fazem no âmbito político, pois ora o discurso dos agentes – públicos e privados – privilegia os ideais de um, ora de outro de acordo com os seus interesses. No entanto, o conceito de requalificação utilizado por Magalhães (2002) para explicar as transformações do centro do Rio de Janeiro, principalmente, a partir da década de 1990, aliado aos "processos de competitividade entre as cidades, característicos da globalização"(Ibid.), será importante para entender a produção da imagem requalificada da área central e a sua apropriação pelo setor terciário privado.

Também podemos mencionar o conceito *"renovação preservadora"* de Mesentier (1993), que debate o objetivo das políticas de intervenção no tecido urbano da área central, postas em prática pelo poder público, a partir de 1980, e que passam a articular a renovação do solo em complementaridade com a preservação do conjunto arquitetônico e

---

Cândido Mendes, o do Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDES, o Centro de Eventos Empresariais Bolsa do Rio e o da Caixa Econômica Federal" (MAGALHÃES, op.cit., p.8).

urbanístico, ali existente (Ibid., p.132). O autor procura examinar a predominância da diretriz de preservação[16] do Patrimônio Cultural Edificado entre as ações do Poder Público, nos anos de 1983 a 1985, e sua mudança de lugar no processo de desenvolvimento urbano (MESENTIER, 1993).

> Esta política, conduzida pelo executivo municipal, parece, portanto, indicar o aparecimento de um novo modo de urbanização. Um modo de urbanização, que segundo palavras de seus protagonistas[17], tem na preservação do ambiente construído de valor cultural um instrumento para intensificar o uso do solo, na área central, fortalecendo atividades vinculadas á cultura, ao lazer e ao turismo.[...] Estas políticas de intervenção, postas em prática pelo poder público, visam propiciar a implantação de um Centro Internacional de Comércio, apoiado em serviços na área central, inclusive serviços culturais e de lazer. Tais atividades demandam espaços que por suas qualidades – conforto ambiental, valor de uso cultural do ambiente construído – propiciem a visitação e favoreçam a permanência dos usuários. Assim, as políticas de renovação do uso do solo se associam à preservação do ambiente construído de valor cultural. Por este motivo se poderia falar aqui de uma renovação preservadora, um modo de urbanização da área central que articula a renovação do solo `a diretriz preservadora (MESENTIER, 1993, p.133-136).

Segundo Simões Jr. (1994), quanto ao conceito de revitalização ele surge nos anos de 1970 e ,

> [...] define o envolver da cidade, [..] a 'reidentificação do passado no espaço presente, ressuscitando a tradição, alvoroçando a memória coletiva, mas não inibindo a modernidade'[18]. [...] abrange assim ações como a reabilitação de áreas abandonadas, a restauração do patrimônio histórico e arquitetônico, a reciclagem de edificações (ou refurbishment) e a requalificação urbana de setores degradados. [...] Utiliza-se, para tanto, instrumentais os mais diversos principalmente aqueles que incentivam a parceria público/privado [...] Essas parcerias, assim como a da participação de segmentos organizados da população na elaboração de tais políticas, são características importantes presentes nos projetos de revitalização urbana [...]

---

16 Uma abordagem mais crítica quanto aos projetos de intervenção e a preservação patrimonial pode ser vista em MACHADO (2003), MESENTIER (1993) e MOTTA (2000).

17 "A mudança no modo de urbanização fez-se acompanhar de um novo quadro de alianças entre os organismos políticos da sociedade civil: associações de moradores e comerciantes; associações de profissionais liberais e artistas; o Clube dos Diretores Lojistas; o Clube de Engenharia; a ADEMI (Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário); o RIOPART (Banco de Negócios formado por empresários cariocas); a Associação Comercial do Rio de Janeiro; os empresários do turismo, com diferentes prioridades mas, todos, favoráveis a propostas que implicam no "enobrecimento" da área." (Ibid., p.137)

18 FERRARA, p.141-2, In DEL RIO, p.36 *apud* SIMÕES JR., 1994, p.17

Para Magalhães (2002), o conceito de requalificação permite uma melhor compreensão do processo em contrapartida ao de revitalização[19], e aplica-se á área central do Rio de Janeiro, englobando o "centro histórico, o centro comercial e financeiro (ACN ou CBD), e apenas uma parte do que é considerado como Zona Periférica do Centro".

> [...] abrange ações de reimplantação de antigas funções, como habitação, comércio, serviços e cultura, [...] reutilização do Patrimônio existente, o incremento do turismo e do lazer e a preocupação com as possibilidades de otimização dos espaços, conforme apresentado no conceito de "Revitalização" de Vicente Del Rio e José Geraldo Simões Júnior. O conceito de Requalificação, no entanto, está menos ligado à idéia de perda anterior de vitalidade e traz mais clara a idéia de acréscimo de atividades geradoras de ganhos econômicos e de melhoria da qualidade dos espaços públicos e privados, podendo ser melhor aplicado em situações onde se trata de alteração das características físicas e da composição social e econômica de áreas ocupadas. Envolvendo processos de elitização ("gentrification"), a Requalificação está principalmente voltada para o estabelecimento de novos padrões de organização e utilização dos espaços, com vistas a um melhor desempenho econômico (MAGALHÃES, 2002, p.6).

Podemos perceber, por meio dos conceitos trazidos e suas contextualizações na área central do Rio de Janeiro, que as políticas urbanas que envolvem a produção do espaço desde os anos de 1980 e 1990, tem sido associadas à promoção econômica da cidade, e para isso, utilizam a requalificação urbana - calcada na valorização dos espaços de oferta cultural, para atrair e gerar ganhos econômicos.

A seguir, propomos uma síntese das ações governamentais de "recuperação" do espaço da área central da cidade do Rio de Janeiro, baseadas no ideal de Preservação e Requalificação, desde a década de 1980. Por meio dela podemos perceber como a implementação das intervenções urbanísticas no espaço público tem favorecido a produção

---

19 Para MAGALHÃES (op.cit., p.5), "O conceito de Revitalização Urban, quando utilizado para áreas centrais, refere-se muitas vezes a áreas periféricas aos centros, onde os processos de reestruturação econômica das últimas décadas produziram espaços industriais ociosos e áreas de residência proletária empobrecidas. O uso generalizado do conceito de Revitalização para o centro do Rio pode ser questionado, na medida em que tal conceito pressupõe uma perda ou ausência de vitalidade das área afetadas. [...] No caso do centro do Rio de Janeiro, onde ocorreu um processo de decadência física e econômica, mas com a manutenção de uma vitalidade relativa, são necessárias adaptações conceituais [...]".

de sentidos à materialidade da área central – a construção de imagens do lugar da "'recuperação econômica', do 'renascimento das cidades' ou da 'excelência dos serviços urbanos' (SÁNCHEZ, 2003, p.498), a serem apropriados pelo setor terciário privado.

3.2. O PAPEL DAS AÇÕES GOVERNAMENTAIS

Seguindo um discurso mundial de recuperação dos centros urbanos[20], a 'recuperação' do centro da cidade do Rio de Janeiro, calcada na aliança entre os ideais de "Preservação e Requalificação" teve origem como ação efetiva do governo municipal no "lançamento do Corredor Cultural na passagem da década de 1970 para a de 1980"[21]. Neste primeiro momento, a prefeitura municipal utiliza-se de instrumentos de zoneamento, como as leis de preservação para proteger "conjuntos de imóveis de valor cultural, associados a intervenções urbanísticas localizadas, da 'Segunda geração de projetos urbanos', como as ocorridas na Lapa ou na Rua Uruguaiana" (MAGALHÃES, 2002, p.9), neste sentido, nota-se que as ações mais visíveis estão limitas às áreas protegidas.

Baseando-se conceito de "renovação preservadora", podemos citar como exemplo deste primeiro momento as "transformações de uso do solo entendidas como necessárias à implantação de um pólo turístico na Praça XV" (MESENTIER,1993, p.137):

> [...] as ações do Poder Público envolveram: a preservação do patrimônio cultural edificado, a implantação de centros de serviços culturais, a revisão da legislação e

20 Tanto os discursos como as ações e críticas que envolvem a recuperação de centros urbanos e áreas centrais degradadas, inclusive da cidade do Rio de Janeiro, podem ser vistos em Mesentier (1993), Magalhães (2002), Pinheiro (2002), Sánchez (2003), Simões Jr. (1994) e Vaz (1994) e (1999).

21 MAGALHÃES, op.cit., p.4. "O projeto Corredor Cultural preservou três grandes conjuntos de sobrados no centro do Rio de Janeiro – Praça XV, Lapa, e imediações da SAARA e do Largo de São Francisco alcançando cerca de 1600 imóveis, em sua maioria remanescentes do século XIX e do início do século XX".

> a elaboração de projetos para hotéis e shoppings, a destinação de ruas exclusivamente para pedestres; alterações no tráfego; a implantação de terminais rodoviários e a remoção do entreposto de pesca. (MESENTIER, p.136)

A partir da década de 1990, pode ser observado o surgimento de um segundo momento do processo de requalificação do centro do Rio de Janeiro[22], calcados em mudanças ocorridas em relação ao enfoque gerencial da cidade e ao início de um forte movimento de valorização da cidade (MAGALHÃES, 2002, p.9). Este processo está associado ao modelo descrito como "terceira geração de projetos urbanos", que reforça a diretriz requalificadora dos espaços públicos, e caracteriza-se por projetos de valorização desses espaços – com uma nova sinalização do seu "status" – através de intervenções em pontos de grande visibilidade (Ibid., p.10). Magalhães (2002) cita como exemplos desses projetos para o Centro, o "Rio-Orla", as reformas do Largo da Lapa, Avenida Chile e Rua Uruguaiana, e o "Rio Cidade".

Esta fase do processo de requalificação do Centro do Rio de Janeiro, que se iniciou à quase duas décadas e se mantém atualmente, é responsável pela construção de uma imagem requalificada da área central de significado econômico estratégico para o município e para a dinâmica de capital, principalmente o imobiliário, pois busca representar a capacitação da cidade em aumentar a sua competitividade no mercado mundial. Esta imagem construída se apresenta como a capacidade da cidade e dos governos locais em "renovar" e "requalificar" espaços decadentes[23] e transformá-los em espaços "agora refuncionalizados e 'revitalizados' para formar novos complexos de consumo em sintonia com padrões culturais dominantes" (SÁNCHEZ, 2003, p.499). Abaixo, podemos observar a

22 São exemplos de políticas municipais a ampliação do projeto Corredor Cultural, a criação da subprefeitura do Centro e as propostas de revitalização do Centro elaboradas no Plano Estratégico para a Cidade do Rio de Janeiro (MAGALHÃES, op.cit., p.10)

23 Ou espaços que tiveram sua imagem mantida como "decadente para 'vender' a imagem de novas áreas" (PINHEIRO, op.cit., p.3).

importância da ação governamental[24], assim como as parcerias público-privado na afirmação desta imagem da área central do Rio de Janeiro.

> [...] o desenvolvimento das ações de Requalificação do centro do Rio de Janeiro [...] ganharam, a partir de então, um novo patamar. É interessante notar que tais projetos estavam, também, a serviço dos processos de 'city marketing' aplicados à cidade. A escolha de nomes alusivos a conceitos positivos e de fácil utilização por campanhas publicitárias ajudou a criar imagens positivas da cidade, grandemente calcadas na intervenção urbanística. [...] Foi elaborado, ainda, o Plano Estratégico para a Cidade do Rio de Janeiro, com consultoria de técnicos catalães, o qual propôs a revitalização do Centro, atribuindo-lhe o papel de 'articular e de ser foco de atração da Cidade'[25], e o reforço da condição da cidade como pólo cultural, através do desenvolvimento de um trabalho de 'marketing', tendo como objetivo o 'Centro do Rio como mercado cultural'[26]. [...] Num certo paralelismo com a discussão sobre a imagem do Rio de Janeiro no início do século, que se deu no espaço físico do Centro, houve nos anos 90 uma busca por um Centro com renovado poder simbólico, que se inserisse no processo de construção de uma maior competitividade econômica para a Cidade do Rio de Janeiro. O arquiteto Augusto Ivan afirma que: '...é preciso pensar o Centro estrategicamente, como gerador de economia para a cidade. Além de assegurar memória e identidade, o Centro precisa contar com investimentos em atividades da economia contemporânea'[27] (MAGALHÃES, 2002, P.10-11).

No entanto, desde meados da década de 1990, houve uma reversão no nível de investimentos públicos no Centro, sendo os mesmos concentrados nas áreas comerciais (ACN)[28]. Em termos de investimentos em equipamentos culturais, o setor da Praça XV foi o mais privilegiado por ações coordenadas por outros agentes, além do municipal

---

24 Não podemos deixar de citar as ações federais com a melhoria da infra-estrutura urbana da cidade (Linha-Vermelha) e estaduais, com o tombamento de sobrados e a criação do "Distrito Cultural da Lapa", por meio do Decreto nº 26.459 de 2000.

25 Relatório Final do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, apud MAGALHÃES, op.cit., p.11

26 Ibidem.

27 A . Ivan F. Pinheiro, 2000, *apud* Magalhães, 2002, p.11

28 "Na cidade do Rio de Janeiro, a gestão do Prefeito Luiz Paulo Conde, do PFL, 1996-2000, assim como a do seu sucessor, César Maia, do PTB, que assumiu a Prefeitura em 2001, definiram como uma das orientações prioritárias de suas políticas urbanas o investimento em obras de 'revitalização de área centrais'. Dentre essas obras destaca-se o 'Projeto Frente Marítima", com algumas operações urbanísticas já realizadas, como a requalificação da Praça XV, para o qual o Prefeito Luiz Paulo Conde contratou o arquiteto urbanista catalão Oriol Bohigas, responsável pelo projeto" (SÁNCHEZ, 2003, p.506). Mais à frente, em seu texto, a autora debate o Programa de Revitalização Portuária do Rio e as iniciativas da Prefeitura em trazer para o Pier Mauá o Museu Guggenhein Rio – na verdade outra iniciativa do

(MAGALHÃES, 2002). Este fato mostra como "os empreendimentos culturais são hoje grandes negócios o qual estão envolvidos agentes, interesses e práticas mercadológicas muito semelhantes ou iguais às de outros tipos de investimentos empresariais" (SÁNCHEZ, 2003, p.507).

Mesentier (1993, p.137) baseia a nossa próxima e última reflexão ao abordar criticamente o "novo modo de urbanização da área central", que para ele sustenta uma questão relativa "a como, quanto e onde preservar, como e quem se apropria do tecido urbano de valor cultural". Quanto a preservação, o nosso objetivo no tópico anterior foi trazer à discussão algumas ações governamentais orientadas por essa diretriz, entendendo que a mesma associada ao ideal de "promoção econômica da cidade" nos levaria a compreender as formas de apropriação deste tecido urbano de valor cultural.

4. A IMAGEM REQUALIFICADA E O SETOR TERCIÁRIO PRIVADO

A partir das reflexões trazidas até aqui, podemos concluir que a imagem requalificada da área central foi construída baseada na sua reestruturação espacial, com o objetivo de apresentar um novo padrão de organização e utilização do espaço, com vistas a um melhor desempenho econômico (MAGALHÃES, 2002). Esta imagem, que se caracteriza por refletir a aliança entre a manutenção de formas históricas e novas funções características da sociedade contemporânea (MACHADO, 2003), tem servido de fator de atração para investimentos privados em atividades culturais e, principalmente, em serviços

---

governo municipal na legitimação dessa imagem requalificada da cidade, onde "o grande museu-marca requalifica a cidade-marca" (Ibid., p.508).

U. F. R. J.
BIBLIOTECA
I P P U R

terciários[29] na área central do Rio de Janeiro. Para Marafon (1997, p.37), esta fato se dá num contexto onde "crescem as atividades associadas aos setores mais dinâmicos da economia e que possibilitam às grandes corporações obter vantagens competitivas em uma economia globalizada". Como a área central se constitui uma centralidade importante na dinâmica da cidade, ela tende a absorver os fluxos modernizantes e o capital privado, como podemos ver no relato abaixo:

> [...] a reestruturação urbana do Rio de Janeiro sofre(u) fortes implicações territoriais dos serviços especializados a empresas no contexto de modernização do último decênio[30]. [...] Hoje em dia, tanto a comunicação eletrônica como a telecomunicação não esvaziaram a área central, ou seja, o espaço, ou ainda, a espacialidade provocada pelas novas tecnologias aplicadas à vida urbana geradora de novos modos de proceder e organizar o tempo[31]. O centro resiste, continua como base territorial para a reestruturação econômica e territorial. As formas urbanas correspondem a um padrão de densificação que responde aos efeitos da globalização econômica e das novas tecnologias que caracterizam a sociedade informacional. Basta estudar os padrões locacionais dos serviços avançados na cidade: é um padrão que admite centralidade. Assim, o global (globalização econômica e informacionalização da sociedade) se expressa no Rio de Janeiro (PACHECO, 1999, p.3).

Se apropriando de uma imagem que valoriza a aglomeração espacial do "velho e do novo", o capital privado, principalmente imobiliário, investe maciçamente neste espaço, associando tecnologia e qualidade do ambiente, cultura e economia. Este novo padrão de organização e utilização do espaço pode ser observado na paisagem da área central, especialmente no centro histórico e seu entorno modernizado, com a localização de

---

29 " [...] contabilidade, publicidade, serviços de lazer, educação, comércio, transportes, comunicações, consultoria" (PETIT, P. L., 1998, *apud* Marafon, 1997, p.37). Pacheco (1999) caracteriza os serviços ligados a terceirização da economia como os serviços de assessoria a empresas, no campo do terciário superior, e sob princípios da acumulação corporativa, como seguros, serviços financeiros, jurídicos, de gestão e consultoria técnica e de recursos humanos (formação profissional, gestão de recursos humanos, estudos de viabilidade econômica e financeira), além da infra-estrutura informacional e científico tecnológica.

30 PACHECO, 1998, p.2 (grifo nosso)

31 CASTELLS, 1997 apud PACHECO, 1999, p.3

edifícios "inteligentes", lojas e restaurantes sofisticados, universidades particulares e centros médicos.

Em relação aos edifícios de escritórios podemos citar o edifício do Centro Empresarial Internacional Rio – RB1, marco da arquitetura pós-moderna e "inteligente" na cidade, localizado na Praça Mauá; o Manhattan Tower e o Rio Metropolitan, na Av. Rio Branco e Av. Chile, respectivamente; o Edifício Amarelinho, o Candelária Corporate, o Centro Empresarial RB53 e o Torre Almirante, todos reformados e modernizados ("retrofit"), localizados na Cinelândia, Praça Pio X, Av. Rio Branco e Av. Almirante Barroso, respectivamente (FOTOS 5, 6, 7 e 8).

Do ponto de vista espacial, estes edifícios representam a reestruturação da área central vinculada à modernização do setor terciário, e seguem uma tendência básica observada na concentração das atividades do terciário superior[32] no Rio de Janeiro (Pacheco, 1999). Sobre este padrão de localização centralizada e concentrada no núcleo da cidade, Pacheco (1999, p.2-3) nos esclarece que:

> [...] a localização dos serviços especializados a empresas está relacionada ao princípio de concentração de atividades de comando e às economias de aglomeração organizadas sob nova lógica e novo acesso à informação, entre outras vantagens locacionais. [...] estão concentrados junto aos centros de negócios e particularmente junto ao antigo CBD, onde está o coração terciário do Rio de Janeiro. [...] o centro histórico continua mantendo a força do seu simbolismo como coração de negócios por excelência, apesar do surgimento de novas centralidades [...]

Desta forma, o capital privado, principalmente imobiliário, se apropria da área central como a área "preferida pelas empresas, devido à excelente infra-estrutura de

32 Ver FIGURA 1 - gráfico de ocupação do RB1.

serviços disponíveis"[33], acessibilidade, e também pela sua imagem de "área de grande valor histórico"[34] (FIGURA 2, 3 e 4).

O interesse pela área central do Rio de Janeiro no mercado de escritórios tem merecido destaque, segundo dados interpretados da empresa de consultoria imobiliária Jones Lang LaSalle[35]. A demanda por escritórios comerciais de alto padrão em edifícios comerciais tem permanecido aquecida desde 2003, chegando ao ano de 2005, com uma demanda de quase 50% por escritórios corporativos, na Região Centro[36], liderada pela Sub-região Rio Branco (FIGURA 5). Segundo a pesquisa de perfil imobiliário[37] do Rio de Janeiro, o Centro se confirma como área preferida pelas empresas, principalmente, do setor de serviços – destaque para a ocupação do edifício comercial Torre Almirante, inaugurado no final de 2004, ocupado pela Petrobrás e por outras empresas de telefonia, governamentais e de serviços, fato que beneficiou consideravelmente a região Centro, aumentando em mais de 10 mil m² a sua absorção líquida, e reduzindo pela metade a sua taxa de vacância.

Podemos observar, no trecho, abaixo, retirado do *site* de divulgação do Edifício RB1, um perfil do que é considerado "uma importante realização do mercado imobiliário de escritórios"[38]:

---

33 JONES LANG LASALLE. Perfil Imobiliário. Disponível em <www.joneslanglasalle.com.br > em 20 de outubro de 2005

34 Frase contida no relato de Pinheiro (2002) sobre a propaganda de venda das unidades do Edifício Amarelinho, na Cinelândia, que enfatiza a sua localização e é "apresentado como um jóia arquitetônica".

35 JONES LANG LASALLE, Perfil Imobiliário 2004 e Perfil Imobiliário 2005. Rio de Janeiro. Disponível em <www.joneslanglasalle.com.br > em 20 de outubro de 2005. Os interesses tem sido expressivos, principalmente, em relação aos Investimentos Estrangeiros Diretos (IED), que tinham previsão de atingir, em 2004, a faixa de 11 bilhões de dólares.

36 A Divisão das Regiões de Escritórios no Rio de Janeiro se constitui pelas regiões Centro, Orla e Barra, sendo que a região Centro, é constituída por sub-regiões (Praça Mauá, Presidente Vargas, Cidade Nova, Rio Branco, Microcentro, Castelo e Cinelândia (FIGURA 5).

37 JONES LANG LASALLE, Perfil Imobiliário 2004 e Perfil Imobiliário 2005. Rio de Janeiro. Disponível em <www.joneslanglasalle.com.br > em 20 de outubro de 2005.

38 Jornal do Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva. Disponível em: < www.sinaenco.com.br > em 22 de outubro de 2005

> O Complexo RB1 é um moderno e sofisticado Centro Empresarial Internacional, situado no coração financeiro do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco n.° 01, entre a Praça Mauá e Av. Presidente Vargas[39], [...] estrategicamente localizado no mais nobre endereço do Centro da Cidade, [...] próximo às principais vias de acesso as Zona Norte e Sul da Cidade e aos Aeroportos, o complexo RB1 é um verdadeiro referencial predial na Cidade e no País. [...] possui o conceito de edifício inteligente, que consiste no conjunto de tecnologias que proporcionam segurança, controle de equipamentos, eficiência, comodidade, redução de custos e flexibilidade na alteração arquitetônica. Concebido a partir de um imponente projeto arquitetônico e dotado de todas as facilidades e serviços próprios aos grandes Centros Empresariais do mundo, o RB1 possui o conceito de edifício inteligente e estruturado para vencer os desafios do século XXI, onde o conjunto de altas tecnologias proporciona segurança, controle de equipamentos, eficiência, comodidade e conforto (de novo?). O Edifício, ao longo destes três últimos anos, tem investido na modernização dos sistemas de controle e supervisão, com a modernização de equipamentos, implementação de novas tecnologias e melhorias nos projetos existentes, assim como utilização de processos oriundos da indústria para controle dos sistemas de suporte do Edifício (energia elétrica e água). Expoente máximo do processo de revitalização da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, emergente região comercial e residencial do Centro do Rio, o Complexo RB1 possui localização estratégica junto as principais vias de acesso às zonas norte e sul da cidade, bem como aos aeroportos (de novo!). Nossa missão é oferecer a excelêcia em serviços, com o objetivo de proporcionar aos nossos usuários as condições ideais para o exercício de suas atividades profissionais e sociais em um ambiente sofisticado e diferenciado[40] (grifo nosso).

A imagem do "novo" é apresentada, seja em anúncios, *folders* e informativos, simbolizando a novas relações de produção, os novos serviços, as novas tecnologias (inclusive a de gestão do ambiente corporativo - "Inteligência Predial", como de reforma predial - "retrofit"), que favorecem a acumulação flexível de capital, redução de custos e geração de lucros. Além disso, valoriza a cultura visual e a monumentalidade da arquitetura, enfocando elementos excêntricos e sua posição como ícone [41], inclusive, atraindo para si a função de âncoras dos projetos de revitalização urbana. Não podemos

39 Trecho retirado de site para locação de imóveis. Disponível em: < www.previ.com.br > em 22 de outubro de 2005

40 Site do Centro Empresarial Internacional Rio de Janeiro – RB1. Disponível em: < www.rb1.com.br > em 22 de outubro de 2005

41 Segundo Hazan (2003, p.1-2), "Entenda-se por ícone construção de impacto, seja por sua localização estratégica, visibilidade, escala, forma, aparência, monumentalidade ou uso. Ícone é aquela construção que, desde a sua concepção, vem causar alguma expectativa em relação à sua implantação. [...] é um símbolo, concebido como tal, ou transformado em tal. Ele se destaca na paisagem urbana, [...] não surgem por acaso, e sim para alterar os espaços, causar polêmica, valorizar a área em que se situam, dinamizar a cidade em que se encontram. [...] Se, em outros momentos, eles possuíam um significado e uma aparência condizentes com a sociedade local, eles agora pertencem à sociedade global, surgindo em localizações sempre estratégicas, escolhidas justamente para auxiliarem na construção desse mito ".

esquecer do uso de uma "simbologia ostentatória" (EGLER, 2005, p.11) utilizada para "realizar uma função social de prestígio" (Ibid.) [42], e expressa tanto na arquitetura e na qualidade do ambiente e dos serviços, quanto na localização dos empreendimentos – daí a procura por espaços de valorização cultural. Como foi mostrado no trecho de propaganda do edifício, há um uso estratégico das palavras: diferenciação, conforto, sofisticação, moderno, segurança, controle, eficiência, comodidade, nobre - todas ligadas a espacialidade. Segundo Egler (2005, p.11), "esse valor simbólico socialmente acordado pode ser reconhecido pelo discurso específico dos espaços construídos, que, através de um sistema de signos, expressam distinção".

Essa imagem requalificada da área central, construída a partir do "novo e do velho" associados ao significado de moderno, de sofisticado, de diferente, etc., também foi apropriada por outros agentes do setor terciário privado, trazendo novas transformações na área central em relação ao seu uso e ocupação, a partir da década de 1990, são eles: um centro médico – Centro Médico Rosário[43]; os estabelecimentos de consumo mais sofisticado, como lojas de *griffe* de roupas e calçados, livrarias, bares e restaurantes; e as instituições universitárias (IBPINet- Instituto Brasileiro de Pesquisa em Informática, universidades Gama Filho, Estácio de Sá, Castelo Branco, Cândido Mendes, cursos de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas, Faculdade de Direito Evandro Lins e Silva e PUC (MAGALHÃES, 2002) (FOTOS 10,11,12 e 13).

Este tipo de apropriação da imagem e do espaço da área central por meio de um consumo mais seletivo, como arte, diversão e centros inovativos de serviços

42 Ver FOTO 9 - Fotografia curiosa de uma residência na cidade de Juiz de Fora/MG inspirada no RB1, este fato revela a influência desses ícones contemporâneos e da cultura visual, que simbolizam distinção e prestígio para as elites.

especializados[44] (PACHECO, 1999), reflete como o "processo de requalificação do centro do Rio de Janeiro pode ser visto [...] como um processo de reafirmação do domínio do espaço [...] pelas camadas de mais alta renda, numa disputa de projetos simbólicos e econômicos para aquele mesmo espaço" (MAGALHÃES, 2002, p.14).

CONCLUSÕES

No contexto de produção do espaço global, calcado na expansão dos mercados mundiais e nas mudanças de papel das grandes cidades dentro da Divisão Internacional do Trabalho (DIT), tem se espraiado, nas últimas duas décadas, em escala mundial, uma lógica disciplinante e normatizante dos espaços das cidades em prol de uma nova etapa do desenvolvimento capitalista.

Esta lógica tem sido absorvida por governos urbanos, principalmente, locais comprometidos com uma forma empresarial de ação sobre a cidade, que tem como máxima a competição interurbana.

A retórica da competição, seja por recursos, empregos e investimentos, desvenda uma série de desdobramentos sócio-econômicos, espaciais e simbólicos. Isto se dá , na medida em que, o estabelecimento de novos padrões de organização e uso dos espaços, objetivando dinamizar a economia local, com acréscimos de atividades geradoras de ganhos econômicos e melhoria dos espaços públicos e privados (MAGALHÃES, 2002), vem

43 Segundo a ADEMI – Associação do Dirigentes do Mercado Imobiliário, o primeiro centro médico em instalações planejadas especificamente para a atividade, com padrões comparáveis ao Barra Life Medical Center, simbolizando uma revolução do Centro. Disponível em < www.ademi.webtexto.com.br > em 22 de outubro de 2005

imbuída de uma imagem de cidade mais competitiva e apta a investimentos nacionais e estrangeiros, sendo apresentada desta forma ao mercado mundial de cidades.

A metrópole carioca não foge à regra. Seguindo uma tendência mundial de reestruturação das áreas centrais, as políticas urbanas envolvidas na "recuperação" do espaço urbano da área central do Rio de Janeiro, desde os anos de 1980-90, tem sido associadas à promoção econômica da cidade, e para isso, utilizam os ideais de "Preservação e Requalificação" (MAGALHÃES, 2002) – calcados na valorização dos espaços de oferta cultural para atrair investimentos empresarias.

O processo de "recuperação" do Centro do Rio, inicia a sua primeira fase de intervenção sobre o seu tecido urbano, a partir de 1990, orientada por uma diretriz de preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico articulada à renovação do solo. Nesta primeira fase, a imagem da área central é valorizada – agora não mais como "espaço decadente", ganha *status* de "espaço com elevado valor histórico e cultural".

O segundo momento das intervenções se dá a partir da década de 1990. Esta fase se caracteriza pela diretriz requalificadora dos espaços, que se preocupa com a otimização e elitização dos espaços públicos e privados, com fins econômicos estratégicos para o município. O estudo identificou que esta fase do processo de requalificação do Centro da cidade do Rio de Janeiro, é responsável por uma imagem estratégica para a dinâmica de capital, principalmente, o imobiliário, pois apresenta os novos espaços como "refuncionalizados" e "revitalizados" (SÁNCHEZ,2003) prontos para "formar novos complexos de consumo em sintonia com padrões culturais dominantes" (Ibid., p.499).

---

44 É impressionante a apropriação da imagem que valoriza a aglomeração do "velho e o novo", feita pela Universidade Cândido Mendes. Representa uma nova escala de valores que produz a diferenciação e valoriza o capital investido (FIGURA 6, 7 e 8).

No decorrer do estudo formulou-se a construção de uma imagem requalificada da área central do Rio de Janeiro, baseada na sua reestruturação espacial, e calcada numa "nova escala de valores" – onde o antigo referencia e valoriza o novo" (PINHEIRO, 2002, p.3). O trabalho procurou mostrar como esta imagem ajuda a compreender as novas formas de apropriação e uso do solo na área central, pois tem servido de fator de atração para novos investimentos privados em atividades culturais e, principalmente, em serviços terciários

O capital privado – destaque para o imobiliário, se apropria desta imagem que valoriza a aglomeração espacial do "velho e o novo" e investe maciçamente no espaço, associando tecnologia e qualidade do ambiente, cultura e economia. Ou seja, uma nova racionalidade se imprime ao espaço para possibilitar "às grandes corporações obter vantagens competitivas em uma economia globalizada" (MARAFON, 1997, p.37).

Sendo assim, a contribuição deste estudo consiste em revelar este novo padrão de organização e uso do espaço que pode ser observado na paisagem da área central, especialmente, no centro histórico com seu entorno modernizado, com a localização de edifícios "inteligentes" e centro médico, lojas e restaurantes sofisticados, e universidades particulares. Essas considerações nos indicam uma apropriação do espaço e da imagem da área central do Rio de Janeiro por um tipo de consumo mais seletivo, como arte, lazer e entretenimento e centros de serviços especializados (PACHECO, 1999).

O uso freqüente de uma "simbologia ostentatória" (EGLER, 2005, p.11) nos novos equipamentos urbanos que se instalam, ou sofrem algum tipo de modernização, na área central nos permite refletir sobre a sua "função social de prestígio" (Ibid.) dentro das camadas de mais alta renda, seja na relação empresa - público consumidor, ou entre classes.

Os resultados desta pesquisa apontam outros debates acerca da representação social e simbólica do espaço na atualidade. Como ele tem sido representado nas formas contemporâneas de apropriação, consumo e reprodução do espaço? Quais são as influências deste processo de mundialização dos mercados, de valorização das corporações e atores privados nas práticas socais contemporâneas?

Este trabalho procurou iniciar um diálogo com estas questões, com vistas a buscar novas percepções sobre o espaço inserido num projeto urbano de civilidade.

U. F. R. J.
BIBLIOTECA
I P P U R

Foto 1
Fotografia Aérea da área central do Rio de Janeiro

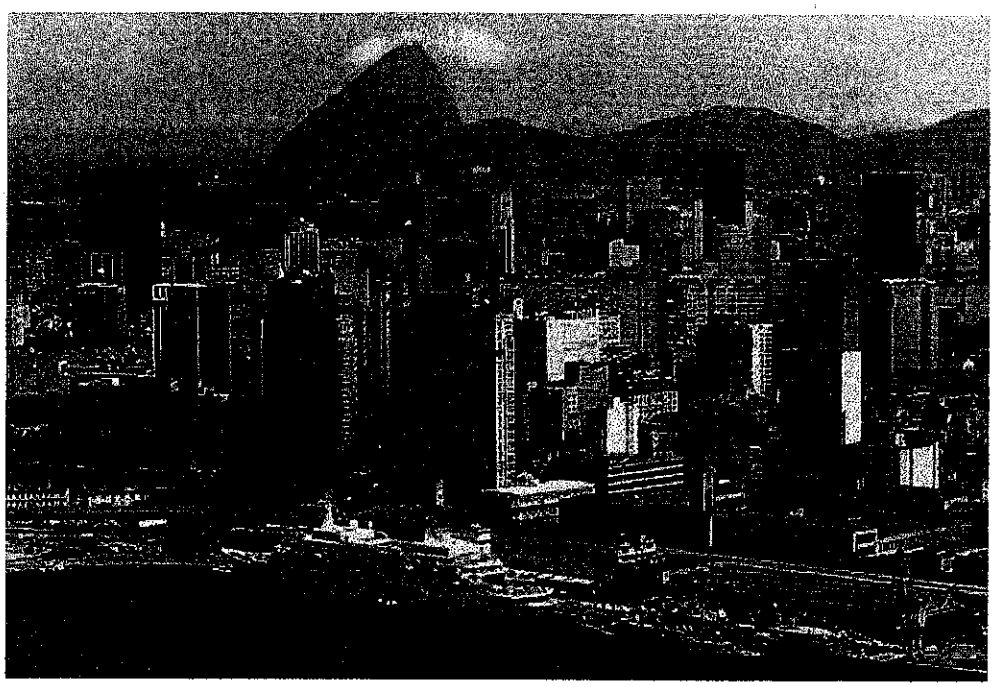


Foto 2
Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB. Exposição Internacional "Paris 1900", em 2002

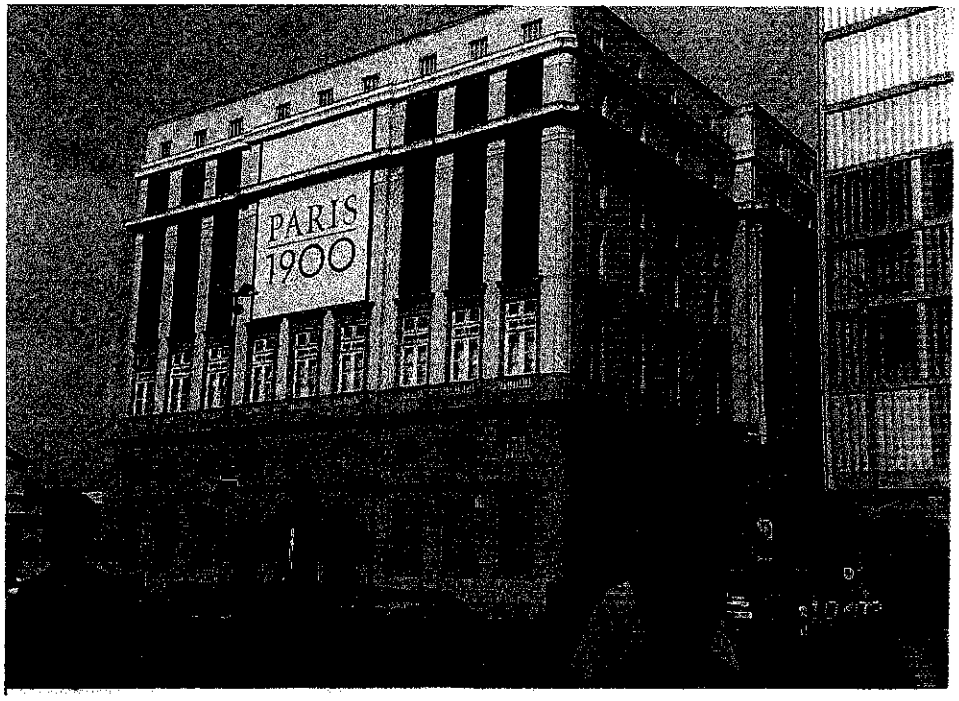


Foto 3
Paço Imperial com a "torre" da Universidade Cândido Mendes ao fundo

Foto 4
Casa França-Brasil

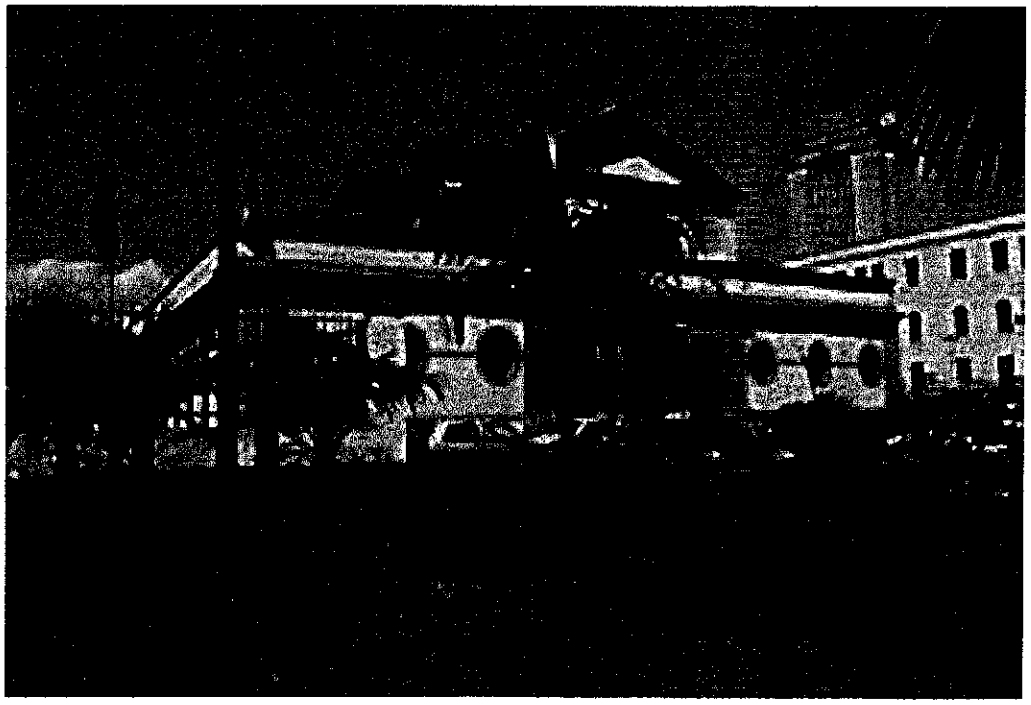


Foto 5
Centro Empresarial Internacional Rio – RB1

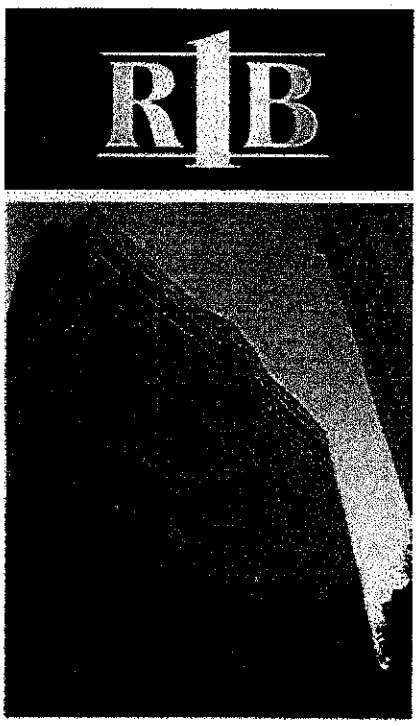


Foto 6
Edifício Candelária Corporate

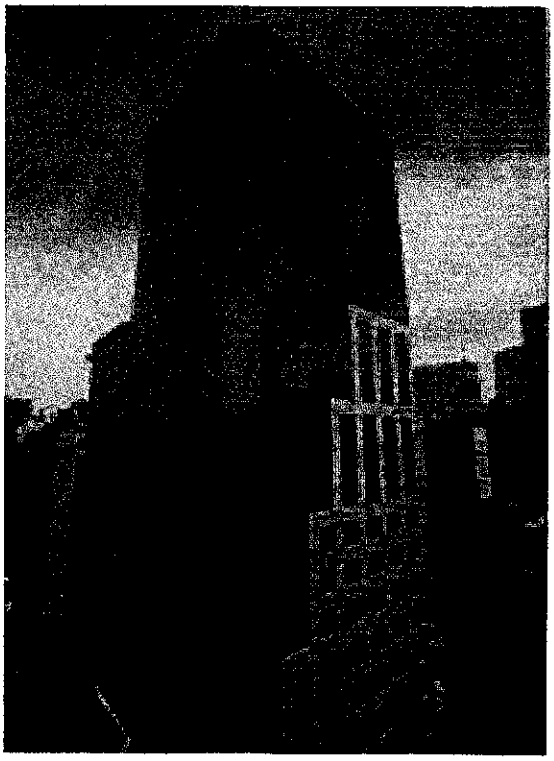


Foto 7
Edifício RB53

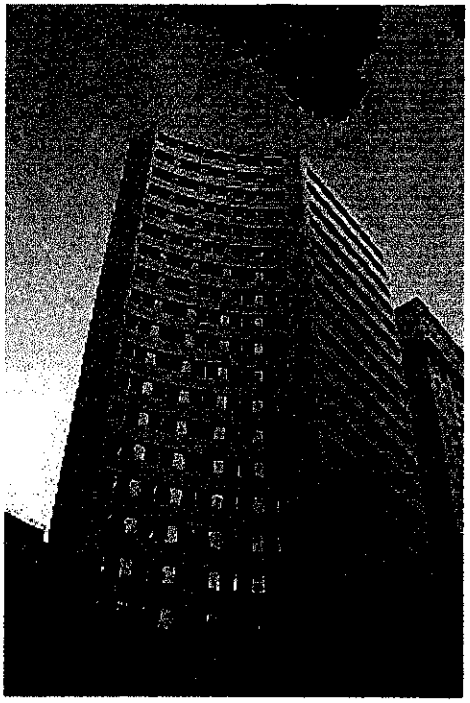


Foto 8
Edifício Torre Almirante

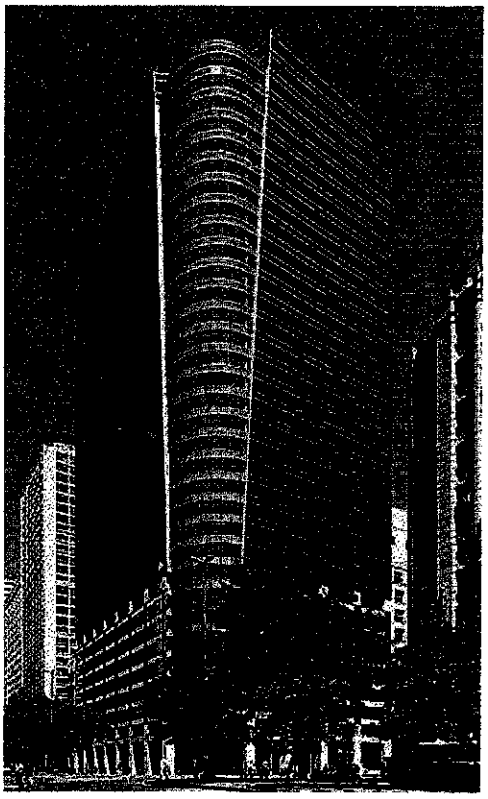
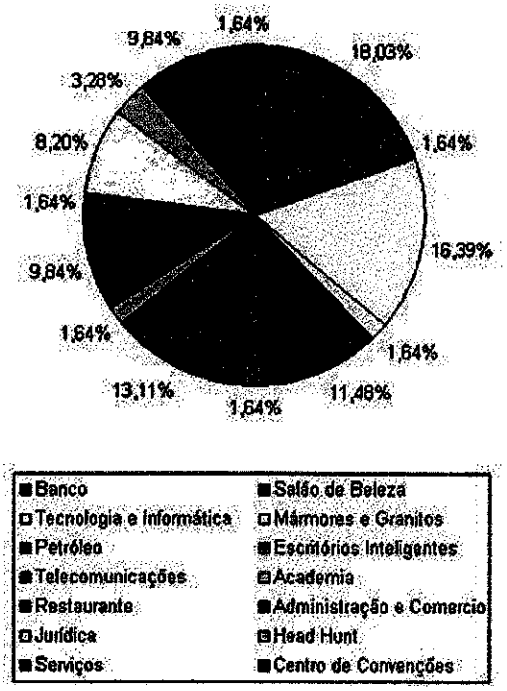
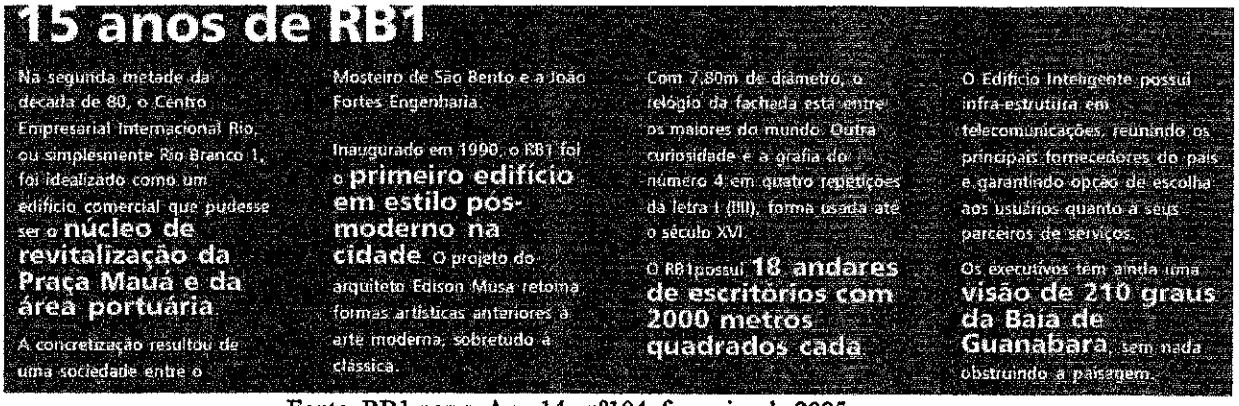


Figura 1
Centro Empresarial Internacional Rio – Perfil empresas



Fonte: < www.rb1.com.br >

Figura 2
A imagem apropriada da cidade: 15 anos de inauguração do RB1



15 anos de RB1

Na segunda metade da década de 80, o Centro Empresarial Internacional Rio, ou simplesmente Rio Branco 1, foi idealizado como um edifício comercial que pudesse ser o **núcleo de revitalização da Praça Mauá e da área portuária**.

A concretização resultou de uma sociedade entre o Mosteiro de São Bento e a João Fortes Engenharia.

Inaugurado em 1990, o RB1 foi o **primeiro edifício em estilo pós-moderno na cidade**. O projeto do arquiteto Edison Musa retoma formas artísticas anteriores à arte moderna, sobretudo a clássica.

Com 7,80m de diâmetro, o relógio da fachada está entre os maiores do mundo. Outra curiosidade é a grafia do número 4 em quatro repetições da letra I (IIII), forma usada até o século XVI.

O RB1 possui **18 andares de escritórios com 2000 metros quadrados cada**.

O Edifício Inteligente possui infra-estrutura em telecomunicações, reunindo os principais fornecedores do país e garantindo opção de escolha aos usuários quanto a seus parceiros de serviços.

Os executivos têm ainda uma **visão de 210 graus da Baía de Guanabara**, sem nada obstruindo a paisagem.

Fonte: RB1 news, Ano 14, nº104, fevereiro de 2005

Figura 3
A imagem apropriada da cidade: o espaço de valor cultural

passeando pelo Centro do Rio

O Centro do Rio é um ótimo lugar para se entender um pouco da história da cidade. Com bibliotecas, museus, igrejas e teatros, oferece cultura para diferentes gostos e proporciona momentos agradáveis a quem vive a agitação do seu dia-a-dia.

PAÇO IMPERIAL

Tombado em 1938 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é, hoje, um dos marcos da história cultural do Rio. Após sua construção em 1743, foi usado como Casa dos Vice-Reis do Brasil. A chegada da Corte de D. João e a elevação do Brasil à Reino Unido a Portugal e Algarves fez do Paço a sede dos governos do Reinado e do Império. Com a Proclamação da República, os Correios e Telégrafos foram nele instalados.

O Paço abriga a Biblioteca Paulo Santos no primeiro andar, com um acervo de 6 mil volumes e 200 títulos de periódicos especializados em arte e arquitetura luso-brasileiras. Exposições, teatro, concertos e palestras acontecem nas demais salas. No térreo, lojas, restaurante e cafeteria ocupam o lugar em que, no século XVIII, existiam a Casa da Moeda e o Armazém del Rei.

Endereço:
Praça Quinze de Novembro, 48 – Centro

Horário: Terça a domingo, das 12h às 18h30m – Tel.: (21) 2533-4407/ 2533-7762

THEATRO MUNICIPAL

Projetado e construído por A. Guilbert e Francisco de Oliveira Passos, o teatro foi inaugurado em 14 de julho de 1909. As principais pinturas são de Eliseu Visconti e Rodolfo Amoedo. Os mosaicos são de Henrique Bernardelli. O teatro promove visitas orientadas por guias bilíngües mediante confirmação.

Endereço: Praça Floriano, s/nº – Centro

Horário: Segunda a sexta, das 10h às 17h – Tel.: (21) 2299-1667/ 2299-1687

MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Uma das obras mais valiosas do patrimônio histórico e artístico do Rio, o mosteiro foi concluído em 1641. A obra de talha do arco, projetada por Frei Domingos da Conceição e executada por Alexandre Machado, e as pinturas de Frei Ricardo do Pilar e de José de Oliveira Rosa são apenas algumas das preciosidades artísticas da igreja.

Endereço: Rua Dom Gerardo, 68 – Centro

Horário: Segunda a sábado, das 7h às 11h e das 14h às 18h/ Domingos, das 7h às 19h – Tel.: (21) 2291-7122

Fonte: Fonte: RB1 news, Ano 14, nº104, fevereiro de 2005

Figura 4
A imagem apropriada da cidade: o espaço modernizado

NO TOPO

Resgate histórico no centro do Rio de Janeiro

Em um dos pontos mais nobres do Rio de Janeiro, Av. Presidente Getúlio Vargas, ressurge um importante marco histórico do Brasil, o edifício Visconde de Itaboraí. Sob supervisão da gerente regional de operações Gizelda Carvalho, a equipe local da Jones Lang LaSalle já começou a operação do empreendimento, construído em 1938 com a finalidade de sediar um hotel que poderia servir de hospedagem a parlamentares, já que na época o Senado Federal funcionava no Rio de Janeiro. Atualmente com uma área de 22.000m², dos quais 12.000m² pertencem à Transpetro (importante empresa transportadora de petróleo) e 10.000m² à Agência Nacional de Petróleo, o edifício passou por um processo detalhado de *retrofit*. Todas as características históricas do imóvel foram preservadas, tais como: o belíssimo piso de mármore no *hall* de entrada das duas portarias, a charmosa sacada no segundo andar, com vista para a Av. Rio Branco, e a principal relíquia, o antigo caixa-forte do Banco do Brasil. O prédio passou por um amplo processo de *retrofit*, compreendendo a modernização completa de equipamentos e instalações, incluindo a construção de um edifício garagem. Sob supervisão da gerente regional de operações Gizelda Carvalho, a equipe da Jones Lang LaSalle já começou a operação do empreendimento: "Começamos com a consultoria operacional, ainda na fase final das obras, e preparamos o prédio para a fase de *start up*, paralelamente à progressiva ocupação do edifício", afirma Gizelda.

Fonte: Building News, nº4, abril/2002 (Informativo Jones Lang La Salle)

Figura 5
Divisão das Regiões de Escritórios

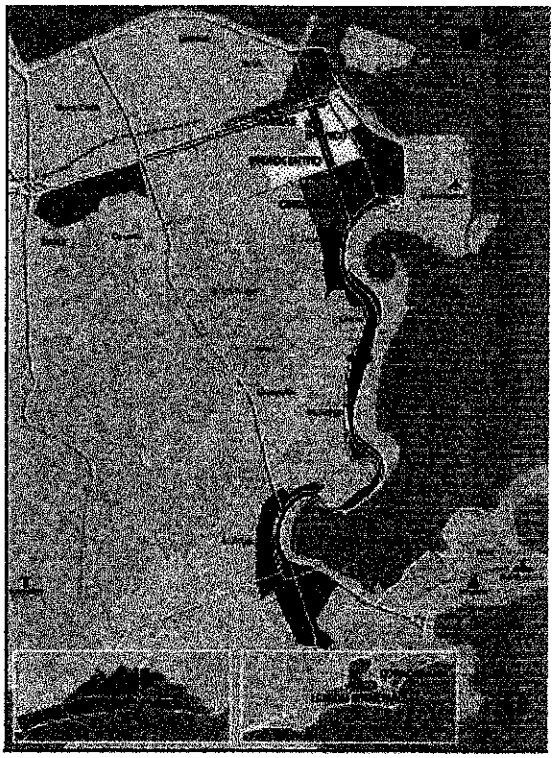


FOTO 9
Residência em Juiz de Fora/MG inspirada no edifício RB1

Fonte: <www.studio54.com.br/dg>

Foto 10
Universidade Cândido Mendes – Unidade Centro (Praça XV)

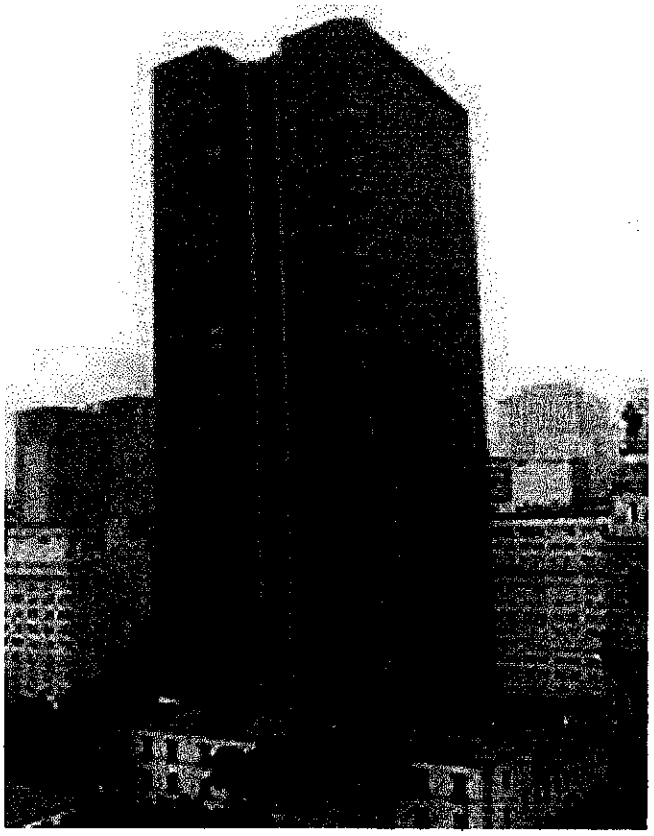


Foto 11
Universidade Cândido Mendes – Unidade Pio X

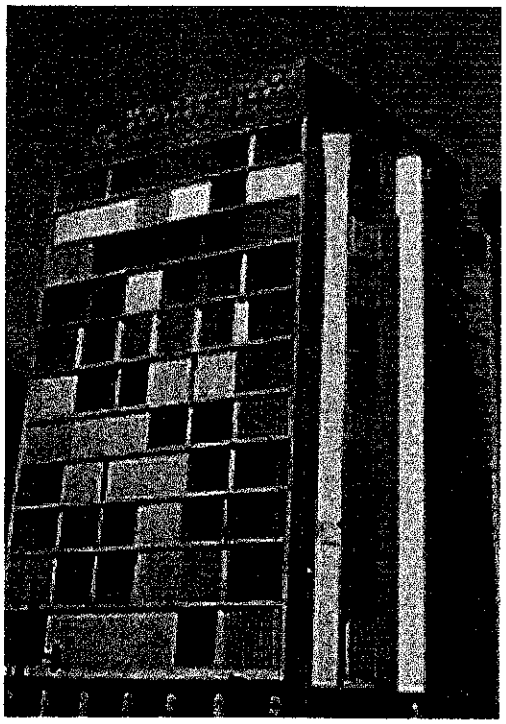


Foto 12
Universidade Gama Filho– Unidade Centro-Candelária

Foto 13
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) - Rua do Rosário

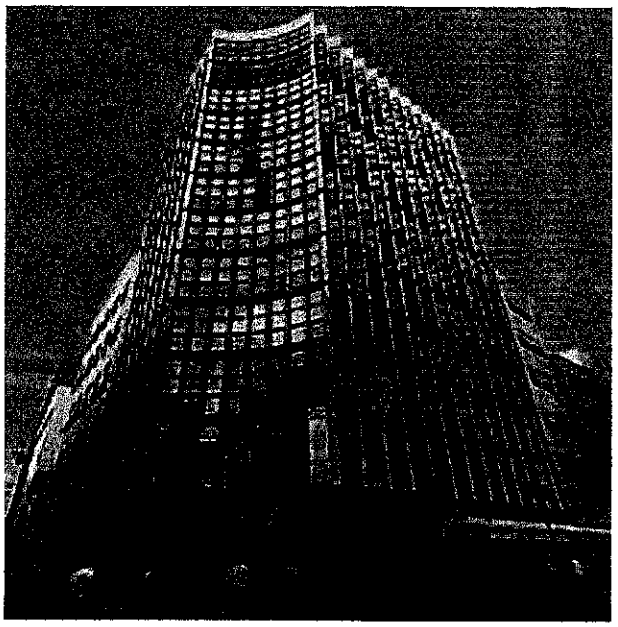


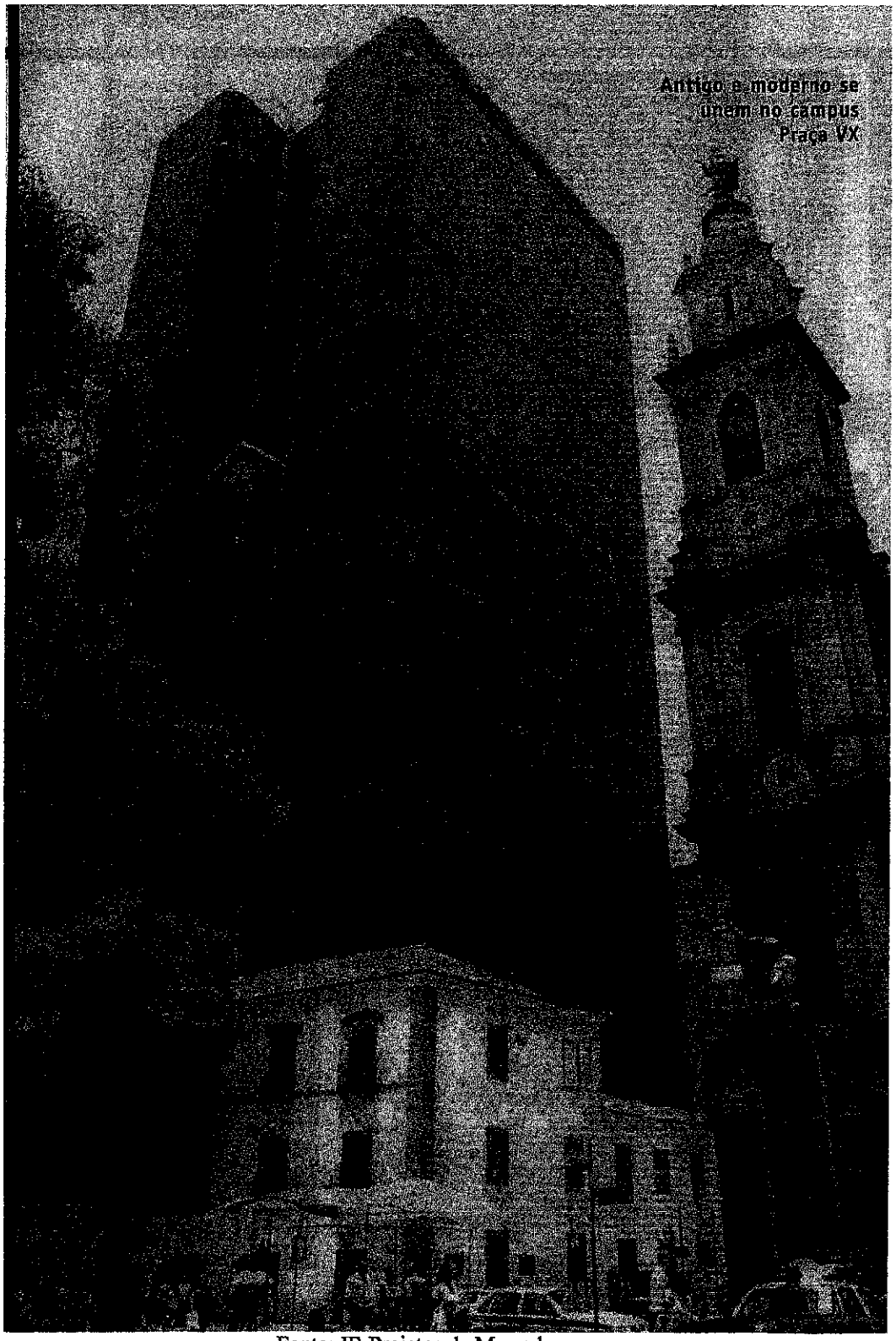
Figura 6
Novos "logos" da Universidade Cândido Mendes

Figura 7
Apropriação da imagem histórica

Fonte: JB Projetos de Mercado

Figura 7

Apropriação da imagem requalificada: "o antigo e o moderno se unem no campus Praça XV"



Fonte: JB Projetos de Mercado

REFERÊNCIAS

BIENENSTEIN, G. Globalização e Metrópole: a Relação entre as Escalas Global e Local: o Rio de Janeiro. In: Anais do *IX ENANPUR*.. Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.

CARDOSO, Adauto L.; RIBEIRO, Luiz C. de Q. Dualização e reestruturação urbana: o caso do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FASE, 1996.

CARLOS, Ana Fani A. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. 1999. O espaço urbano. Rio de Janeiro: Ática, 1993.

EGLER, Tamara T. C. Políticas Urbanas para o espaço global. In: *Revista Economia, Sociedade e Território*. México, nº 17, 2005

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5ª ed. Loyola: São Paulo, 1992

_____ , David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. São Paulo: *Espaço & Debates*, nº 39, p.48-64, 1996.

HAZAN, Vera M. O papel dos ícones da contemporaneidade na revitalização dos grandes centros urbanos. Disponível em: < http://www.vitruvius.com.br > em 02 de novembro de 2005

MACHADO, Thiago R. Reestruturação intra-urbana e novas "estratégias" de produção do espaço: reflexões sobre o papel da cultura nas recentes transformações da área central do Rio de Janeiro. *GeoUERJ*. Revista do Departamento de Geografia. Rio de Janeiro: UERJ, nº 13, p. 39-48, 1º semestre de 2003.

MAGALHÃES, Roberto Anderson M. Preservação e Requalificação do centro do Rio nas décadas de 1980 e 1990: a Construção de um Objetivo Difuso. Disponível em: <http:// www.light.com.br> em 29 de out de 2005

MARAFON, Gláucio José. A Dinâmica Metropolitana no contexto de uma economia global. *GeoUERJ*. Revista do Departamento de Geografia. Rio de Janeiro: UERJ, nº 1, p. 33-43, janeiro de 1997.

MESENTIER, L. M. de. A renovação preservadora: um ensaio sobre a gênese de um novo modo de urbanização no centro do Rio de Janeiro entre 1967 e 1987. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR*. 5., 1993. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1993

MOTTA, Lia. A apropriação do Patrimônio Urbano: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global. In: Arantes, Antônio A .(org.) *O Espaço da diferença.* São Paulo: Papirus, 2000

PACHECO, Susana M. M. Terceirização e reestruturação urbana no Rio de Janeiro. *Boletim GETER*, ano I, nº1, nov. 1998

_____, Susana M. M. Contrapontos da reestruturação urbana no centro do Rio de Janeiro. *Boletim GETER*, ano II, nº3, nov. 1999

PINHEIRO, A .I. Preservar, Conservar e Modernizar: um Novo Paradigma para a Reabilitação do Centro do Rio. Rio Estudos, n.° 52, maio de 2002. Disponível em: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br > em 28 de out de 2005

SÁNCHEZ, F. A Reinvenção das Cidade para o Mercado Mundial. Chapecó: Argos, 2003

SANTOS. M. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985

SIMÕES JR., J. Revitalização de centros urbanos. *Pólis,*. São Paulo, n. 19, p. 11-27, 1994

SPOSITO, Maria E. B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, Amélia. Et alli. *O espaço no fim do século: a nova raridade.* São Paulo: Contexto, p.83-99, 1999

VAZ, Lilian F.; SILVEIRA, C. B. A área central do Rio de Janeiro: percepções e intervenções – uma visão sintética no decorrer do século XX. *Cadernos IPPUR/UFRJ*, ano VIII, nº 2/3, set./ dez. 1994

VAZ, Lilian F.; SILVEIRA, C. B. Áreas centrais, projetos urbanísticos e vazio urbanos. *Território*, Rio de Janeiro, v. 7, nº 4, p.51-66. Jul./dez. 1999

ZUKIN, Sharon. Aprendendo com Disney World. *Espaço & Debates*, São Paulo: NERU, v23, n.43-44, p.11-27, jan/dez 2003